

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

**LARGO DA BATATA:
DA REVITALIZAÇÃO À REATIVAÇÃO DE UM ESPAÇO PÚBLICO**

LUCAS GALATI BALIEIRO

**SÃO PAULO
2015**

LUCAS GALATI BALIEIRO

**LARGO DA BATATA:
DA REVITALIZAÇÃO À REATIVAÇÃO DE UM ESPAÇO PÚBLICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura, sob orientação da Prof^a Dr^a Fabiana Felix do Amaral e Silva.

**SÃO PAULO
2015**

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial ao meu pai, que faleceu durante a minha empreitada na presente pós-graduação, mas deixou a revolta de um artista que teve que se calar frente às violentas regras de um sistema capitalista.

Agradeço à minha mãe e irmã pelo apoio durante toda a vida, e principalmente, neste ano tão específico.

Agradeço ao Ricardo Morelli, marido, companheiro e revisor das páginas que vêm a seguir.

À Eliane Morelli, historiadora querida que me ajudou com fontes preciosas para a confecção da presente dissertação.

À minha orientadora, Fabiana Felix do Amaral e Silva, por compartilhar seu conhecimento e uma dose extra de paciência aos momentos de ansiedade extrema.

Agradeço imensamente a todos os professores do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação por instigarem uma discussão ávida e sadia em todas as aulas do curso.

Agradeço a todos os entrevistados que cederam um espaço na agenda para que esse trabalho se tornasse possível: Laura Sobral, Raphael Franco, Rachel Schein, Sasha Hart, Katia Mine e Fernanda Salles.

Aos meus amigos queridos que compreenderam a minha ausência e trouxeram colocações de extrema relevância para a finalização da monografia: Thais Ozzetti, Bruno Santos, André Teves, Thaísa Gazelli, Caio Di Napoli, Constance Sotos, Pedro Lino, Juliana Xavier, Paula Salati, Mayra Buaiz, Silvia Rodrigues e Adriana Oliveira.

Agradeço aos amigos que fiz durante a pós-graduação que me ensinaram, que me ouviram e deram suporte e força na concretização deste sonho. Dentre eles, Vanessa Rocha Souza, amiga que, além de ajudar com a revisão do trabalho, se mostrou companheira de leitura e discussão frente aos temas envolvendo espacialidade e tantos outros neste período.

Para finalizar, agradeço a todos que batalham pela construção de uma cidade mais democrática e um Largo da Batata vivo e ativo.

RESUMO

BALIEIRO, Lucas Galati. **Largo da Batata: da revitalização à reativação de um espaço público**. 2015. 95 f. Monografia (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) – Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Este trabalho tem dois objetivos principais. Um deles é entender o processo de gentrificação e verticalização que vêm ocorrendo no bairro de Pinheiros, mais especificamente, no Largo da Batata. Para a análise, se fez necessário o estudo da fundação do bairro em 1560, já território de passagem de tropeiros e bandeirantes para o interior do país até o rápido e intenso desenvolvimento no começo do século XX, ainda impulsionado pela economia cafeeira. Somado a esse cenário, um aprofundamento na Operação Urbana Faria Lima e na Reconversão Urbana do Largo da Batata, ambas implementadas no início da década de 1990 com o intuito de revitalizar o espaço.

A Operação Urbana Faria Lima, instrumento patrocinado pelo poder público em associação às grandes construtoras que encontraram em Pinheiros a possibilidade de crescimento e formação de uma nova centralidade, foi a verdadeira responsável pela desertificação do Largo da Batata e a verticalização de uma região primordialmente residencial.

Com a retirada dos tapumes em 2013, os moradores do entorno, que tentaram desde o começo barrar a continuação das obras da Operação Urbana, se depararam com uma cena assustadora. O Largo tinha sido brutalmente modificado. Revoltados, serão eles os responsáveis por implementar um novo projeto que define o segundo objetivo do presente trabalho.

Jovens e adultos passaram a se reunir e criar atividades no intuito de reativar o Largo da Batata. Com o tempo, coletivos foram formados e estabeleceram atuações em diversos nichos. O presente trabalho buscou identificar os integrantes, entender de que forma eles trabalham, quais são as pretensões de dois desses movimentos, o A Batata Precisa de Você e o BatataMemo.

O resultado da atividade desses coletivos foi a reconstrução de um espaço público democrático, voltado a experimentação, catalisador de práticas culturais, um lugar de mistura e de encontros.

De tal maneira, o título do trabalho “Largo da Batata: da revitalização à reativação de um espaço público” buscou abarcar todo esse cenário e salientar que a luta pelo direito à cidade é válida e necessária. O espaço é social na sua essência e, portanto, não pode ser entendido pela ótica da gentrificação, da desapropriação, da privatização.

Palavras-chave: revitalização, reativação, espaço, centralidade, gentrificação, verticalização, privatização, desertificação, economia, residencial, poder.

ABSTRACT

BALIEIRO, Lucas Galati. **Largo da Batata: from the revitalisation to the reactivation of a public space**. 2015. 95 f. Dissertation (Specialisation in Media, Information and Culture) – Centre for Latin-American Studies on Culture and Communication, University of São Paulo, São Paulo, 2015.

The present work aims at two main objectives. One of which entails understanding the gentrification and verticalisation processes that have been taking place in Pinheiros neighbourhood, particularly in Largo da Batata. In order to enable the analysis, it was proved necessary to perform a study on the foundation of the neighbourhood, dated from 1560, at that time a territory of passage for tropeiros and bandeirantes who headed to the countryside, as well as on the brisk and intense development seen in the early 20th century, propelled by the coffee-trading economy. Added to such scenario, a deeper look at Operação Urbana Faria Lima and at the Reconversão Urbana do Largo da Batata, both projects having been implemented at the beginning of the 1990's under the intent of revitalising the given space.

The Operação Urbana Faria Lima, an instrument that was sponsored by the State in association with the great construction companies who had found in Pinheiros an opportunity for growth and the formation of a new centre, was truly responsible for the desertification of the Largo da Batata as well as the verticalisation of this primarily residencial área.

Having the worksite been disclosed in 2013, the residents of the surroundings, who since the very beginning had tried to put a halt on the urban operation, faced a ghastly sight. The Largo da Batata had been brutally modified. Revolted, they would be responsible for implementing a new project, which entails the second objective this work aims at.

Youngsters and adults started to meet regularly to promote activities with the intent of reactivating Largo da Batata. With the passing of time, groups have been formed which have established action plans in diverse segments. The present work tried to identify the agents, understand how they work, and comprehend the intentions of two of these groups, A Batata Precisa de Você and BatataMemo.

As a result of the activities promoted by such groups we can see the reconstruction of a democratic public space, open to experimentation, catalysing cultural practices, a place for blending and for encounters. That is why the title to this work “Largo da Batata: from the revitalisation to the reactivation of a public space” tries to enclose such a scenario as well as reassure that the fight for the right to the city is valid and necessary. The urban space is essentially social, and therefore, must not be seen through the spectacles of gentrification, expropriation, and privatization.

Keywords: revitalization, reactivation, space, centre, gentrification, verticalisation, privatization, desertification, economy, residential, power.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Edital da Operação Urbana Faria Lima.....	21
Figura 2 - Delimitação do traçado definitivo da Operação Urbana Faria Lima.....	21
Figura 3 – A transformação do bairro de Pinheiros em um novo centro.....	24
Figura 4 – Protesto dos moradores contra a Operação Urbana Faria Lima.....	24
Figura 5 – Editorial contra a Operação Urbana Faria Lima.....	25
Figura 6 - Reconversão Urbana do Largo da Batata.....	26
Figura 7 – O novo projeto para o Largo da Batata.....	28
Figura 8 - Início do coletivo “A Batata Precisa de Você”	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. MUITO ALÉM DAS BATATAS.....	10
2. O ESPAÇO E A OPERAÇÃO URBANA FARIA LIMA.....	15
2.1 RECONVERSÃO DO LARGO.....	26
3. UM LARGO COLETIVO.....	29
3.1 A BATATA PRECISA DE VOCÊ.....	33
3.2 BATATAMEMO.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
ANEXOS.....	61

INTRODUÇÃO

Com o trabalho “Largo da Batata: da revitalização à reativação de um espaço público” buscou-se compreender o processo de gentrificação do bairro de Pinheiros que culminou na desertificação do Largo e na verticalização de uma região de relevância histórica. Ao mesmo tempo, buscou-se identificar agentes de transformação, como grupos formados principalmente por moradores, que passaram a agir no entorno após a entrega de parte das obras da Operação Urbana Faria Lima em 2013 e que contribuíram para a reativação de um espaço público dizimado pela especulação imobiliária.

Para a análise, foram escolhidos dois coletivos que permanecem na região e desenvolvem atividades em diferentes frentes. O A Batata Precisa de Você, por meio da ocupação do espaço público e instalação de mobiliário urbano e o BatataMemo, com atividades que visam manter a memória e a história do Largo da Batata vivas.

No primeiro capítulo, apresenta-se um apanhado histórico que pretende identificar os elementos que comprovam a importância do Largo da Batata para São Paulo. Para isso buscou-se entender como funcionava a cidade na época de formação do bairro de Pinheiros e de que maneira ela cresceu vertiginosamente em tão pouco tempo.

No segundo capítulo delimita-se uma discussão sobre o termo “espaço” e de que maneira ele está inteiramente conectado à Operação Urbana Faria Lima, responsável por um processo de mudança visceral que extinguiu o comércio popular da região, destruiu a identidade do Largo da Batata e promoveu, na tentativa de formação de uma nova centralidade patrocinada pelos poderosos do mercado imobiliário, a verticalização de uma região primordialmente residencial, o que causou revolta nos moradores.

No terceiro capítulo busca-se definir as atuações dos dois coletivos estudados e compreender quem são seus integrantes, de que forma eles atuam, como se

organizam e quais são as mudanças que idealizam para a região. Ao mesmo tempo, debater se as atividades implementadas pelos mesmos possibilitaram uma mudança na região que paulatinamente deixa de ser um lugar de passagem para se tornar um local de encontros, de diálogos, de experimentação e também um catalisador de experiências culturais.

1. MUITO ALÉM DAS BATATAS

Largo da Batata, coração do bairro de Pinheiros, zona oeste de São Paulo. Uma área planejada para ser um lugar anatomicamente perfeito para... passar. Alguns com mais calma, outros com a usual pressa paulistana. Há aqueles que arriscam um *skate*. Mas todos ali estão sempre passando. Ninguém para. No Largo da Batata não tem verde, não tem bancos, nem jogo de dominó para a terceira idade. Também não tem centro cultural, atividades no final de semana ou espaço para um piquenique.

O Largo da Batata foi brutalmente modificado e, por mais de uma década esta foi a sua realidade, ser um espaço para passos apressados, mas nunca para encontros. No entanto, uma alcunha tão expressiva não poderia ser pormenorizada em concreto retificado e só. A região do Largo da Batata carrega uma história de extrema relevância para São Paulo no começo do século XX, mas que foi asfixiada pelas leis do desenvolvimento a qualquer custo e pelos interesses políticos e imobiliários. O deserto de concreto sem identidade, vazio e fugaz foi desenhado para ser assim. Uma escolha em prol do princípio carniceiro de um capitalismo voraz que não se comove frente às reivindicações dos moradores, árvores centenárias ou pelo comércio popular. O Largo da Batata é o resultado de uma política rodoviarista¹ que assola São Paulo há mais de um século. As tais leis do desenvolvimento são apoteóticas, de concreto e aço e patrocinadas. Monumentos feitos para serem vistos, mas nunca pensados para serem usados.

A fundação do bairro de Pinheiros data de 1560. Na região foi instalada a Aldeia Nossa Senhora dos Pinheiros da Conceição, que, antes da construção de uma capela pelos jesuítas, funcionou como uma centralidade indígena por quase três séculos. Por ser rota para o sul e, como já dito, aldeia para os índios, a região virou um núcleo isolado em relação ao aglomerado paulistano (MASCARENHAS *apud* PETRONE, 1963).

¹ A política rodoviarista será melhor discutida ainda neste capítulo.

De tal maneira, a localidade ganha a característica de passagem, de travessia dos indígenas para outros municípios (MASCARENHAS,2014). Este isolamento do bairro se mantém até o começo do século XX.

O cenário será alterado em 1910 quando a região de Pinheiros ganha um potencial de produção comercial, desenvolvendo um papel de centralidade e, mais tarde, se estabelecendo como um entreposto comercial de extrema importância para São Paulo. Será também neste ano que a região irá ganhar a alcunha de “Mercado dos Caipiras” e consolidar-se como um espaço de venda de alimentos e produtos agrícolas.

No final da década de 20, a região próxima às ruas Martim Carrasco, Fernão Dias e Teodoro Sampaio ficará conhecida pelo apelido de “Largo da Batata”. Lá, imigrantes japoneses comercializavam o produto (MASCARENHAS, 2014). Em 1928, será instalada a Cooperativa Agrícola de Cotia, o agrupamento desses imigrantes que por não terem armazéns para manutenção e transporte das batatas criaram, com ajuda do Consulado Geral do Japão em São Paulo, uma cooperativa com o intuito de implantação de um armazém em regime comunitário. A instalação fortaleceu ainda mais o aspecto comercial da região.²

Não era apenas no bairro de Pinheiros que as transformações se davam. São Paulo, de uma maneira geral, vivia um momento de grande desenvolvimento impulsionado, principalmente, pelo café. Nesta época, os discursos enérgicos pelo progresso eram entoados pela elite e pelos governantes. Além do fator econômico, outro aspecto impulsionava o êxtase pela entrada na década de 20: o esquecimento das desgraças ocorridas nos anos anteriores. A cidade de São Paulo tentava colocar um fim aos cinco flagelos que castigaram a população no começo do século, os cinco “Gês”: a Gripe (espanhola), a Geada, os Gafanhotos, a Guerra (Primeira Guerra Mundial, que começa em 1914 e vai até 1918) e as grandes greves de 1917 e 1918.³

² Fotos do Mercado de Pinheiros e da Cooperativa Agrícola de Cotia em anexo.

³ A epidemia da gripe espanhola, difundida pelo mundo todo a partir do foco dos campos de batalha da Europa, caíra sobre a cidade com uma voracidade que evocava a peste negra medieval: em alguns meses prodigalizou São Paulo de valas coletivas lotadas de cadáveres, com não poucos

A primeira grande comprovação do momento financeiro oportuno se deu ainda em 1867, com a construção da São Paulo *Railway Company*, a primeira ferrovia construída no estado e a segunda no país. Financiada pelo capital inglês, ela ligou a cidade de Santos, no litoral sul de São Paulo a Jundiaí, no interior do estado.

A ferrovia trouxe uma alteração expressiva na lógica do consumo em São Paulo. Por ligar o litoral ao interior, o fluxo de mercadoria, notavelmente o de café, que impulsionava a economia da época, será facilitado de tal maneira a tornar obsoleta a produção local e a retirada dos alimentos dos rios que margeavam toda a sua extensão. Em outras palavras, os rios que eram antes fontes de alimento, se tornaram obstáculos ao desenvolvimento.

Entre os aspectos mais notáveis desta escolha do modelo de planejamento urbano estão o extermínio dos bondes e a construção de rodovias em prol do *boom* da indústria automobilística. Consequentemente, a formação de uma cidade espalhada, aos moldes das norte-americanas.

Para viabilizar a “Chicago da América do Sul”, São Paulo deveria sofrer mudanças estruturais que possibilitassem a construção de grandes estruturas viárias. Como já dito anteriormente, neste processo de urbanização, os rios que antes detinham uma importância vital a São Paulo, passam a ser grandes empecilhos à modernização. As inundações e o discurso sanitarista da época foram as justificativas encontradas para transformar de vez os rios em um grande problema a ser resolvido.

Neste momento surge um embate ideológico na escola Politécnica, na Universidade de São Paulo, frente a possível retificação do Rio Tietê. O engenheiro sanitarista Francisco Rodrigues Saturnino de Brito, responsável pelo projeto dos

moribundos atirados às fossas ainda vivos de permeio, nas correrias desencontradas do pânico. As geadas intensas e as nuvens de gafanhotos se tornaram em 1918, um pesadelo recorrente e opressivo nesta cidade estreitamente dependente dos sucessos da lavoura cafeeira. As greves, pelo pior que se temia, haviam vindo para ficar, mas a barbárie da Guerra, essa, ao menos, garantiam as autoridades internacionais, acabara para sempre. (...) Depois de tantos tormentos, era imperativo que o futuro fosse brilhante (SEVCENKO, 1952:24).

canais de Santos e presidente da Comissão de Melhoramentos do Rio Tietê na década de 20 propunha – segundo o professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Alexandre Delijaicov, no documentário Entre Rios: a urbanização de São Paulo – um modelo onde os rios seriam preservados, sem a construção das marginais⁴.

Ao mesmo tempo, um colega de Saturnino de Brito trazia um debate antagônico. Francisco Prestes Maia junto a Ulhôa Cintra projetaram um plano de avenidas para São Paulo, uma visão consonante com os interesses empresariais e imobiliários e que traziam os ideais de desenvolvimento e progresso altamente difundidos da época. O projeto desenvolvido tinha a função de priorizar o carro e, com isso, a formação de uma cidade espraiada, aos moldes estadunidenses.

Notavelmente, uma cidade espraiada, que cresce para os lados, aumenta a mancha urbana da cidade. Ao mesmo tempo em que obriga um crescimento da demanda de viagens dos habitantes. Este processo gera uma série de gastos econômicos com infraestrutura urbana, transporte individual, saúde etc. A cidade rodoviarista é socialmente repressiva, impossibilita encontros, incentiva o sedentarismo e fomenta a individualidade por meio dos seus rápidos automóveis particulares (COSTA,2015).

No entanto, as promessas de 1920 advindas do fecundo território de um desenvolvimento cego patrocinado pelos altos estamentos da sociedade, a tal cidade do futuro, das grandes estruturas viárias, dos carros, a “Chicago da América do Sul”, apresentaram um saldo final negativo. O aprofundamento histórico se mostra relevante para demonstrar como o espírito do progresso se fazia presente na São Paulo daquela época. O Largo da Batata será um dos tantos territórios que sofreram alterações a mando de tais princípios rodoviaristas.

⁴ O resgate, que ainda dava tempo da orla fluvial urbana do primordial logradouro público da futura metrópole. Ele dizia o seguinte: que nós devíamos garantir a integridade do leito maior, ou da várzea do Rio Tietê, que tinha uma largura média de um quilômetro a quinhentos metros. E, na verdade, para o Saturnino de Brito toda confluência de rio aqui na metrópole de São Paulo teria que ser formado um lago. Como o Lago do Ibirapuera. Este lago seria, na realidade, o coração, o núcleo aquático da formação de um cinturão de parque, com bosques, assim por diante. Esta era a visão sofisticadíssima do engenheiro Francisco Saturnino de Brito (DELIJAICOV,2009).

2. O ESPAÇO E A OPERAÇÃO URBANA FARIA LIMA

Segundo a geógrafa brasileira Ana Fani Carlos, o espaço deixa de existir apenas no plano do abstrato pela concretização das relações sociais produtoras de lugares. A partir do momento em que o homem se apropria do espaço, este passa a ter uma dupla dimensão: de um lado será apenas localização, do outro vai deter um conteúdo social, determinado pelas relações sociais que se realizam em um espaço e tempo determinado.

(...) A noção de produção está articulada, inexoravelmente, àquela de reprodução das relações sociais *lato sensu* – em determinado tempo e lugar. Termo amplo envolve a produção e suas relações mais abrangentes, o que significa neste contexto, o que se passa fora da esfera específica da produção de mercadorias e do mundo do trabalho (sem, todavia, deixar de incorporá-lo) para estender-se ao plano do habitar, ao lazer, à vida privada, guardando o sentido do dinamismo das necessidades e dos desejos que marcam a reprodução da sociedade. Nessa direção, a noção de reprodução desvenda como perspectiva analítica a realidade urbana em constituição, analisa a vida cotidiana como lugar de reprodução em sentido amplo (CARLOS, 2001:13).

Carlos ainda evidencia um aspecto bastante negativo na construção do espaço no mundo moderno: a instauração do cotidiano. A rotina organizada em associação e a imposição de novos modelos culturais e de comportamento transformam radicalmente a sociabilidade, a partir do momento em que as relações entre as pessoas são substituídas por relações profissionais e institucionais. O tempo acelera pela técnica, que também pede a construção de novos espaços e, de tal maneira, redefinem-se as relações dos habitantes com o lugar.

(...) A gestação da sociedade urbana determina novos padrões que se impõe de fora para dentro, pelo poder da constituição da sociedade de consumo (assentada em modelos de comportamento e valores que se pretendem universais, pelo desenvolvimento da mídia, que ajuda a impor os padrões e parâmetros para a vida, pela rede de comunicação que aproxima os homens e lugares), em um espaço-tempo diferenciado e desigual (CARLOS, 2001:14).

A base do entendimento da reprodução espacial está no conflito entre o processo de produção social do espaço e sua apropriação privada, uma vez que na sociedade moderna o espaço ganha valor, vira mercadoria.⁵

⁵ Cada vez mais o espaço, produzido como mercadoria, entra no circuito de troca, atraindo capitais que migram de um setor da economia para outro de modo a viabilizar a reprodução. As possibilidades de ocupar o espaço são sempre crescentes, o que explica a emergência de uma lógica associada a

Todos esses aspectos levantados alteram o “habitar” hoje na metrópole. Em um mundo onde a velocidade é um preceito venerado e o cotidiano burocratizado asfixia os paulistanos que vivem em busca de horários nas agendas, as mudanças nos hábitos e a transformação da relação das pessoas se faz um processo lógico e consequente. O espaço responde da mesma maneira às mudanças sociais elencadas. A mercantilização do solo urbano funciona como porta de entrada a esta nova conjuntura, onde ocorre um esvaziamento das relações sociais e a redução da prática socioespacial. A vida deixa de acontecer nos encontros e passa a ser protagonizada por um espaço amnésico, sem história, diretamente ligado ao tempo efêmero (CARLOS, 2001).

O homem moderno por mais conectado que ele possa estar – criando uma identidade já não mais local, mas sim mundial – territorialmente este nunca foi tão individualizado. No processo de mundialização da sociedade urbana, acentua-se a fragmentação tanto do espaço quanto do indivíduo (CARLOS, 2001). A virtualidade das conexões produz um efeito solitário e consonante aos princípios que regem o planejamento urbano das grandes metrópoles. Em outras palavras, sem a troca de relações sociais, os lugares não existem.

Uma vez que o objeto de estudo do presente trabalho é o Largo da Batata, foquemos na Operação Urbana Consorciada Faria Lima a qual afetou especificamente a região de Pinheiros e produziu um efeito drástico a uma localidade de inquestionável valor histórico.

--

Na gestão de Jânio Quadros (1985-1988) desenvolveu-se um projeto que ficou conhecido como “Lei do Desfavelamento”, criado com o objetivo de possibilitar mudanças nos direitos de construção dos proprietários de terrenos e, ao mesmo tempo, extinguir as favelas localizadas na região central de São Paulo, através da parceria entre o poder público e a iniciativa privada. Este será o berço do projeto das Operações Urbanas (FIX, 2001).

uma nova forma de dominação do espaço que se reproduz ordenando e direcionando a ocupação, fragmentando e tornando os espaços trocáveis a partir de operações que se realizam no mercado. Desse modo, o espaço é produzido e reproduzido como mercadoria reprodutível (CARLOS, 2001:16).

O proprietário de um terreno ocupado por uma favela ganhava o direito de construir mais do que o permitido na Lei de Zoneamento. Parte do lucro adicional era destinado para construir casas populares na periferia e doá-las ao poder público. De tal maneira, os proprietários não tinham a obrigação de entrar em contato com os moradores das comunidades. Todo o diálogo até a desapropriação ficava a cargo da Prefeitura que, muitas vezes, também agia da mesma maneira, e para desocupar favelas em terrenos públicos convocava interessados do setor privado em construir além do zoneamento, em terrenos não ocupados por favelas, mediante o pagamento de uma contrapartida (FIX, 2001).

No entanto, o projeto recebeu inúmeras críticas dos vereadores da Câmara Municipal, de associações de bairro, especialistas e das comunidades. Primeiro, por não negociar diretamente com aqueles que seriam desapropriados. Segundo, por não prever restrições às mudanças de zoneamento, o que permitiria alterações indiscriminadas comprometendo a estrutura e, por conseguinte, o planejamento urbano da cidade (FIX,2001).

Depois de inúmeras tentativas – entre elas a utilização do polêmico “decurso de prazo”, instrumento do regime militar que acelerava o processo de votação das leis, que também não surtiu efeito – o parecer de um jurista alegando se tratar de um projeto para a construção de habitações de interesse social permitiu que o prefeito conseguisse em novembro de 1986 sancionar a Lei do Desfavelamento, sem aprovação da Câmara (FIX,2001).

Já em janeiro do ano seguinte, a Prefeitura publicou um edital convocando os interessados a apresentar propostas para as “Operações Interligadas”, como se chamaria depois da parceria com a iniciativa privada (FIX,2001).

A lei do desfavelamento serviu pouco ao que teoricamente se propunha no campo social, mas, de outra parte, serviu à “limpeza” dos bairros de classe média e aos negócios imobiliários. Longe de ser resultado de um “acidente de percurso”, a aplicação da lei mostra como o problema das favelas foi, desde o início, utilizado para justificar alterações pontuais na Lei de Zoneamento e no Código de Obras que interessavam ao mercado imobiliário (FIX, 2001:74).

Quando o Partido dos Trabalhadores assumiu a Prefeitura em 1989, com Luiza Erundina, a “Operação Urbana” foi mantida no Plano Diretor elaborado na época por ser considerada um instrumento progressista. A mudança mais relevante foi que, na gestão petista, passou a ser necessário que se levasse em conta alguns posicionamentos da Secretaria Municipal do Planejamento (SEMPPLA). De tal forma, um novo projeto de lei foi elaborado com o intuito de corrigir as falhas daquele que estava sendo implementado pela gestão de Jânio Quadros (FIX,2001).

As Operações Urbanas foram divididas em cinco propostas: Anhangabaú, Água Espraiada, Água Branca, Faria Lima-Berrini e Paraisópolis. A única que chegou a ir para frente na gestão de Erundina foi a Anhangabaú, mas ainda com muitas ressalvas, pois os interesses da Prefeitura não eram os mesmos do mercado imobiliário. Aspecto que vai ocorrer de maneira oposta na gestão seguinte, de Paulo Maluf, totalmente afinada com os valores e princípios regidos pela especulação imobiliária (FIX,2001).

Com Paulo Maluf, a Operação Anhangabaú é ampliada e vira Operação Centro; a Água Espraiada é revista e a avenida de mesmo nome construída sem aprovação da operação; a Água Branca foi retirada e depois devolvida para ser aprovada pela Câmara em 1995. E a Faria Lima se torna o grande exemplo das Operações Urbanas (FIX,2001). Instituída em 1995, pela lei ordinária nº 11732, de 14 de março de 1995, a Operação Urbana Faria Lima tinha o objetivo de realizar melhoramentos viários, obras, equipamentos e áreas públicas no perímetro da Operação. Ao mesmo tempo, melhorar a qualidade de vida, a paisagem urbana e a infraestrutura da região (MASCARENHAS, 2014).

estações da CPTM e do Metrô. Também era de extrema importância promover a reurbanização do Largo da Batata e urbanizar as favelas em seu entorno. As principais intervenções foram: a construção dos túneis jornalista Fernando Vieira de Mello e Max Feffer; prolongamento da Hélio Pellegrino, implantação de avenida duplicada no eixo formado pela Rua Funchal e Rua Haroldo Veloso e a reconversão do Largo da Batata, já na segunda fase da Operação que será o foco deste trabalho por ter agido sobre o objeto de estudo⁶.

As Operações Urbanas funcionam a partir de uma associação entre o poder público e privado e foram idealizadas como projetos urbanísticos que objetivavam transformar a cidade utilizando recursos através da venda de solo criado, ou seja, da outorga onerosa⁷ do direito de construir no perímetro da operação ou pela mudança de uso do solo (MASCARENHAS, 2014). Nas áreas de Operações Urbanas Consorciadas, os recursos da outorga onerosa são direcionados para fundos específicos e só podem ser utilizados na implantação dos projetos previstos nas leis de cada Operação.

Para a geógrafa Ana Fani Carlos, a Operação Urbana é uma estratégia de reprodução do espaço, uma aliança entre Estado, promotores imobiliários e setor financeiro, é institucionalizada e entendida como uma artimanha de dominação.

A mobilização do espaço tornou frenético o fluxo de capital, produzindo a destruição dos antigos lugares em função da realização de interesses imediatos em nome de um presente programado e lucrativo, trazendo como consequência a mudança nos usos e funções de áreas que passam a fazer parte, novamente, do fluxo de troca. Desse modo a organização do processo de reprodução do capital, em escala cada vez mais ampliada impõe seus efeitos sobre a estrutura urbana, que se apresenta como expressão do estágio de desenvolvimento das forças produtivas em que a concentração espacial dos recursos corresponde a uma necessidade ditada pela exigência da acumulação (CARLOS, 2001:16).

⁶ Informações retiradas no site da Prefeitura de São Paulo. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/desenvolvimento_urbano/sp_urbanismo/operacoes_urbanas/faria_lima/index.php?p=19591> Acesso em outubro de 2015.

⁷ “Outorgar” nada mais é que conceder, e “onerosa” indica que esta concessão é feita em troca de pagamento. É forma prevista em lei para se exercer o direito de construir de acordo com o coeficiente máximo estabelecido pelo zoneamento, mediante contrapartida prestada pelo beneficiado à sociedade. Os recursos obtidos são usados principalmente para regularização fundiária, programas habitacionais de interesse social, ordenamento da expansão urbana, implantação de equipamentos comunitários, criação de espaços públicos, ou proteção de áreas de interesse ambiental e cultural (CRESTANA, 2011)

Os moradores de Pinheiros tentaram de diversas formas impedir a Operação Urbana Faria Lima, associações de bairro foram formadas na tentativa de barrar as desapropriações e, conseqüentemente, manifestar uma posição contrária à perpetuação da lógica desenvolvimentista na qual a cidade de São Paulo está inserida desde o começo do século XX.

A comoção foi tamanha que representantes se reuniram com arquitetos coordenados por Cândido Malta Filho⁸ e criaram Planos Diretores de bairro, um trabalho que visava fazer com que o habitante adquirisse o controle da sua moradia.

FOLHA DE S. PAULO são paulo Sábado, 21 de outubro de 1995 3-3

Pinheiros deve virar o centro da cidade

Inauguração de parte da nova Faria Lima na segunda acelera processo de migração dos negócios e lazer para a região

Valorização já é de 20%

Da Reportagem Local

A inauguração do trecho Pinheiros da nova Faria Lima deve consolidar a valorização de 20% do metro quadrado no bairro, já registrada pelo mercado.

A previsão é de João Freira D'Ávila, diretor da Amara D'Ávila Engenharia de Avaliações.

De acordo com ele, o metro quadrado hoje em Pinheiros vale cerca de R\$ 1.000.

"Além de toda infraestrutura, a inauguração da avenida vai aumentar a oferta de serviços e o espaço vai ser disputado", disse Freira D'Ávila.

A valorização, entretanto, só deve ocorrer em relação aos terrenos onde é possível construir prédios.

"A tendência é que os pe-



CLAUDIO AUGUSTO
Da Reportagem Local

O arquiteto Jdlio Neves acredita que a inauguração da nova Faria Lima vai acelerar o deslocamento do "centro de São Paulo" para a região do rio Pinheiros.

"Acho que o centro da cidade no ano 2000 será o canal do Pinheiros", afirmou Neves, autor do projeto de extensão da Faria Lima.

Na segunda-feira, o prefeito Paulo Maluf (PPB) inaugura o trecho da avenida que fará a ligação entre o Largo da Batata e a avenida Pedroso de Moraes, em Pinheiros (zona oeste).

Os outros trechos da obra, no Itaim (zona oeste) e na Vila Olímpia (zona sul), ficaram prontos só no próximo mês de janeiro.

Neves disse que uma das evidências de que o centro da cidade está se deslocando para a marginal Pinheiros é o boom que houve na avenida Luís Carlos Berrini, paralela ao rio.

O urbanista e arquiteto Cândido Malta concordou com Neves, apesar de discordar da obra na Faria Lima (leia texto abaixo).

Os prédios de escritórios têm se

inteligente com uma torre de escritórios de 26 andares, um shopping center e um hotel.

A extensão da Faria Lima, de acordo com Neves, vai induzir o lançamento de empreendimentos voltados para o comércio, prestação de serviços e lazer.

Neves disse que, como ocorre nas grandes cidades do mundo, os serviços pesam cada vez mais na economia de São Paulo. "A cidade está se terciarizando", afirmou.

Ele afirmou também que a tendência de redução da jornada de trabalho — "Em alguns lugares da Alemanha trabalha-se só de segunda a quinta" — exigirá maior oferta de opções de lazer na cidade. "Ninguém vai ficar três dias em casa vendo TV."

A Faria Lima, para Neves, pode ser um pólo em torno do qual a indústria do lazer se desenvolva na cidade de São Paulo.

"Temos que reduzir o número de deslocamentos e organizar a cidade em pólos", disse o arquiteto.

De acordo com ele, o Itaim é hoje um bairro com essas características, já que concentra lazer, trabalho e educação.

Figura 3: A transformação do bairro de Pinheiros em um novo centro

Fonte: Folha de São Paulo, 21-10-1995

⁸ Urbanista e professor emérito da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo



Figura 4: Protesto dos moradores contra a Operação Urbana Faria Lima

Fonte: Folha de São Paulo, 16-4-1994



Figura 5: Editorial contra a Operação Urbana Faria Lima

Fonte: Folha de São Paulo, 20-02-1994

Apesar do esforço, a Operação prosseguiu com suas desapropriações e modificações espaciais. Duas semanas depois do projeto criado pela comissão ser apresentado, Júlio José Franco Neves, arquiteto responsável pelo projeto da Operação Urbana Faria Lima, encaminhou à Câmara Municipal "considerações

pertinentes” que diziam: “o trabalho apresentado não pode ser entendido como um ‘plano diretor de bairro’ ou como ‘um método de planejamento urbano’ pois está limitado a ‘ideias’ sobre como a renovação de um bairro deva ser discutida e realizada”.

Não há dúvidas de que o plano dos movimentos não foi aprovado. O secretário municipal de Vias Públicas da época, Reynaldo de Barros disse apenas que não gostou e fez duras críticas ao projeto do sistema viário: “Esse negócio de forçar o transporte coletivo é piada. O que acontece na cidade não é o que o senhor Cândido Malta quer” (FIX, 2001).

2.1 RECONVERSÃO DO LARGO



Figura 6: Reconversão Urbana do Largo da Batata

Fonte: EMURB

No setor Pinheiros, a operação previa o alargamento e prolongamento da Rua Sumidouro e da Avenida Faria Lima; a implantação de um novo terminal de ônibus na Rua Capri para remanejar o existente no Largo da Batata; além da requalificação urbana do mesmo.

No ano de 2002, começa a segunda etapa da operação na gestão da prefeita Marta Suplicy. Um concurso público feito no mesmo ano, promovido pelo Município de São Paulo e pelo Instituto dos Arquitetos de São Paulo decidiram pelo projeto de Tito Lívio Franscino. Um aspecto importante é entender que a revitalização se dava pelo âmbito municipal, enquanto a construção da estação de Metrô Faria Lima, da linha 4-Amarela ficou a cargo do estado. No entanto não é o metrô que chega ao bairro e assim o transforma; é a Operação Urbana Faria Lima que se estende ao Largo e o engloba (MASCARENHAS, 2014).

Como já dito anteriormente, o objetivo de uma Operação Urbana é modificar o seu entorno, reativar os encontros, reestabelecer a identidade dos espaços

públicos. A revitalização da região envolveria reformar todas as calçadas no perímetro do projeto e enterrar a fiação existente.

As obras de reconversão do Largo da Batata são iniciadas apenas em 2007. A expectativa é que tudo estivesse finalizado três anos mais tarde, mas uma série de imprevistos atrasou a entrega, como por exemplo, a descoberta de sítios arqueológicos na região em novembro de 2009.

O projeto do Largo da Batata foi entregue apenas em outubro de 2013, mas quando foram retirados os tapumes que bloqueavam o acesso da população, a surpresa não foi nada agradável. Havia uma grande diferença entre o projeto idealizado pelo arquiteto Tito Lívio e o que foi entregue pela Prefeitura. Em uma entrevista dada ao Jornal Gazeta de Pinheiros no dia 11/10/2013, o arquiteto relatou as frustrações após a retirada dos tapumes. Entre elas, a destruição do terreno que pertenceu a Cooperativa Agrícola de Cotia. No local, o arquiteto havia planejado um centro de eventos que não saiu do papel.



Figura 7: O novo projeto para o Largo da Batata

Fonte: Estado de São Paulo, 17-12-2006

Não obstante, o arquiteto também enxergou elementos positivos no projeto. A reconversão urbana traria um reforço ao sistema de transporte público, além da retirada de elementos que degradavam a região possibilitar um adensamento no local e, conseqüentemente, beneficiar o comércio que resistiu às obras.

Uma das justificativas apresentadas pela Prefeitura de São Paulo foi a de que, após quase dez anos, ainda não havia sido entregue a terceira e última parte da Operação Urbana Faria Lima, responsável pela instalação de mobiliário urbano no local, e por isso a revoltante aparência.

3. UM LARGO COLETIVO

Segundo o livro *Emergência*, de Steven Johnson, o matemático estadunidense Warren Weaver será um dos pioneiros na pesquisa de elementos que contribuirão para o entendimento desta lógica complexa que adormece nas ruas de uma metrópole. Ele que ocupou durante muito tempo um cargo importante na divisão de Ciências Naturais da Fundação Rockefeller se aposentou no final da década de 50, mas antes preparou um relatório lembrando os progressos científicos do último quarto de século. No entanto, o documento ganhou um olhar mais profético do que nostálgico. Weaver dividiu o apanhado em três campos. O primeiro, um estudo dos sistemas simples: problemas com duas ou três variáveis, como a rotação dos planetas ou a conexão entre uma corrente elétrica e sua voltagem e resistência. O segundo, problemas de “complexidade desorganizada”, caracterizados por métodos de mecânica estatística e teoria da probabilidade. E um terceiro campo, denominado complexidade organizada o qual começava ser compreendido na época.

Em outubro de 1961, a escritora e ativista norte-americana Jane Jacobs se tornou um dos principais nomes no processo de demolição sob a justificativa de “revitalização” e reconstrução do bairro histórico de West Village, em Nova York. A Comissão de Planejamento da Cidade considerou a região deteriorada. No entanto, a comunidade do Village – composta por artistas, escritores, imigrantes porto-riquenhos e operários ítalo-americanos – se revoltou. Jane Jacobs será peça fundamental na campanha contra a modificação do bairro. Após ler o ensaio de Weaver, Jacobs reconheceu similaridades na luta pelo *West Village* com a complexidade organizada que o pesquisador definia.

Sob a aparente desordem da velha cidade existe, onde quer que a velha cidade funcione com sucesso, uma maravilhosa ordem que mantém a segurança das ruas e liberdade da cidade. É uma ordem complexa. Sua essência é a intimidade do uso da calçada, trazendo consigo uma constante sucessão de olhos. Esta ordem é toda composta de movimento e mudança e, apesar de ser vida, e não arte, podemos fantasiosamente chamá-la de arte da cidade e ligá-la à dança – não uma dança simplista e precisa em que todos pulam ao mesmo tempo, girando em uníssono e agradecendo, fazendo reverências em massa mas um intrincado balé no qual os dançarinos solistas e os conjuntos têm, todos eles, papéis específicos que

milagrosamente reforçam-se mutuamente e compõem uma unidade ordenada (JOHNSON, 2003:37).

Mais tarde, o conflito no bairro West Village culmina no famoso texto *Morte e vida nas grandes cidades*, onde Jane Jacobs entende que o funcionamento de uma cidade só pode ser compreendido com uma abordagem a partir de suas ruas.

O entendimento da cidade como um organismo vivo é de extrema importância para dialogar com os efeitos da Operação Urbana Faria Lima e da Reconversão do Largo da Batata. A luta de Jane Jacobs pelo bairro de *West Village* pode ser facilmente associada às associações de bairro criadas na tentativa de impedir ou, ao menos, suavizar os efeitos da Operação Urbana Faria Lima e aos coletivos que, mais tarde, passam a atuar na região. Exemplos como o do bairro de *West Village* ou os protestos dos moradores de Pinheiros, traduzem uma contradição muito bem delimitada pela geógrafa Ana Fani Carlos: a noção de que a produção do espaço se faz pelas relações sociais, é socializada; por outro lado, a apropriação dele ocorre de maneira privada.

A sociedade produz o espaço e, ao fazê-lo, revela uma profunda contradição, como já assinalada acima, entre um processo de produção, que é socializado, e a apropriação do espaço, que é privada. Portanto, o espaço se produz, produzindo os conflitos latentes de uma sociedade fundada na desigualdade (uma sociedade hierarquizada de classes) (CARLOS *et al.*, 2014:68).

A emergência definida no livro de Steven Johnson, junto ao conceito de complexidade organizada são aplicáveis à atuação dos coletivos que vão surgir após a retirada dos tapumes no Largo da Batata em 2013. Grupos de jovens e adultos, todos moradores de Pinheiros, que, inicialmente, sem a presença marcante de um líder partiram de regras simples – encontros com o intuito de reativar o Largo da Batata dizimado pela Operação Faria Lima – e passaram a construir estruturas de atuação bem mais complexas.

O presente trabalho não pôde se apropriar de todos os grupos que já passaram pelo Largo da Batata. De tal forma, serão especificadas as atuações de dois deles, o BatataMemo e o A Batata Precisa de Você, ambos ainda presentes na região. Por meio de entrevistas com três integrantes de cada coletivo buscou-se compreender quem são essas pessoas, por que elas se juntaram, de que forma que

os trabalhos se iniciaram, como elas atuam, como se dá o diálogo com o poder público e sociedade civil e onde elas querem chegar.

O primeiro coletivo a ser criado com o intuito de dialogar sobre os resultados da Operação Urbana Faria Lima se chamou Não Largue da Batata. Encabeçado por Sasha Hart, um dos entrevistados do presente trabalho, o grupo, composto inicialmente por mais 30 a 40 pessoas, serviu para agregar as reivindicações dos moradores que estavam insatisfeitos com o projeto entregue pela Prefeitura de São Paulo.

3.1 A BATATA PRECISA DE VOCÊ

Será a partir das atividades do coletivo Não Largue da Batata que irá surgir o A Batata Precisa de Você. A arquiteta Laura Sobral, de 30 anos, também moradora da região, será a precursora do coletivo que passará a ter como principal interesse a permanência de quem antes apenas passava apressada pelo Largo. Por conta da sua formação, o A Batata Precisa de Você será o primeiro grupo a se preocupar com a confecção e instalação de mobiliário urbano.

O início se deu em janeiro de 2014, quando ela e mais sete amigos decidiram estender cangas, cadeiras de praia e guarda-sóis e passar algumas horas conversando em uma sexta-feira de muito calor. A inserção virou prática e em pouco tempo, as sete primeiras pessoas se multiplicaram.



Figura 8: Início do coletivo “A Batata Precisa de Você”

Fonte: Catraca Livre, 07-08-2014

As atividades são anunciadas por meio de uma página no *Facebook*. Para Laura, o A Batata Precisa de Você se trata de uma manifestação cidadã propositiva, que visa, a partir da simples ocupação de um espaço público, reativar o Largo.

Eu acho que a gente é o facilitador, o mediador para deixar mais evidente que aquele espaço é público e, portanto, passível de ser ocupado, né? (...) Ativando o espaço, na hora que você usa, você demonstra para as pessoas seus potenciais, as suas possibilidades. Ter uma agenda aberta para as pessoas entenderem que elas podem se apropriar, como a gente se apropria e faz coisas para as pessoas enxergarem de que maneira isso é possível, né? (informação verbal)⁹

Ao site de arquitetura Vitruvius, Laura Sobral deixa clara a importância da ocupação de um espaço público dentro de uma sociedade, onde o privado é sacralizado.

Além da falta da cultura de ocupação e apropriação da cidade em São Paulo, o lugar também faz mais improvável a ação de encontrar-se. O Largo da Batata vem passando por um processo de reurbanização há mais de 10 anos, e agora, próximo da entrega da obra, o que há ali é uma vasta área sem nada, quase que totalmente pavimentada. Não há mobiliário urbano algum, as árvores plantadas são mirradas e são poucas as sobreviventes. Quase não há área permeável, não há qualquer proteção do sol ou da chuva ou qualquer estrutura específica para receber atividades culturais. Antes um ponto de comércio intenso, o Largo transformou-se em um local apenas de passagem, em um enorme espaço desértico, desconfortável e nada atrativo (SOBRAL, 2014).

⁹ Depoimento concedido por Laura Sobral, fundadora do A Batata Precisa de Você, em entrevista dada ao autor no dia 12 de agosto de 2015.

Ao mesmo tempo, ela evidencia que a construção dos mobiliários não é estruturada a partir de grandes investimentos, e sim por uma lógica bem mais simples:

A ideia é ocupar o Largo com o que se tem à mão, nada de megaestruturas ou superproduções. É tudo na base da gambiarra, de acordo com a sua definição “manifestação da permanente criatividade humana e tática social capaz de manobrar a ordem tradicional de mercado baseada na perspectiva de um consumo passivo”. Transforma-se o que se tem acesso ao que se precisa naquele momento (SOBRAL, 2014).

Sobral conta que a regularidade se mostrou imprescindível para o projeto. A permanência no espaço todas às sextas-feiras assegurava a manutenção das atividades do coletivo e possibilitava que os transeuntes pudessem visualizar as potencialidades do Largo como um espaço de encontros e não mais apenas de passagem. “Às vezes, estava muito frio, estava chovendo canivete, a gente estava no Largo, sabe? Isso exigiu algum tipo de extra disposição, né?”.

O A Batata Precisa de Você cresceu rapidamente, o que dificulta contabilizar um número exato de integrantes. No entanto, o presente trabalho buscou identificar os membros que têm uma presença assídua nos encontros e que comparecem desde o começo do projeto.

Raphael Franco é artista visual e se envolveu com o projeto por manter uma amizade próxima com a arquiteta Laura Sobral e também por se interessar pelo tema. O vínculo afetivo com o Largo da Batata vem desde os seus 12 anos de idade. Hoje, com 30, ele recorda pegar ônibus na região e já gostar da entropia, do caos poético existente no Largo. Quando a segunda parte das obras da Operação Faria Lima foi entregue, ele se viu chocado com o deserto de concreto no qual a região havia se transformado e entendeu a atitude da Prefeitura como uma afronta aos moradores que, por tanto tempo, protestaram a favor de um espaço mais democrático e capaz de preservar seu precioso valor histórico. A partir de então, ele passou a fazer parte dos encontros do A Batata Precisa de Você.

Na minha visão, A Batata Precisa de você é um movimento de ativação de espaços públicos, né? A casa dele é o Largo da Batata, mas não necessariamente ele precisa se restringir ao Largo. Ele é um movimento bastante heterogêneo, diversificado e opera de uma forma bem orgânica. Existe um núcleo um pouco mais rígido, de algumas pessoas, em torno de

10 e outras pessoas que fazem participações mais pontuais, mais espontâneas (informação verbal).¹⁰

Quando perguntado sobre a delimitação das funções dentro do coletivo, Raphael reitera que ocorre de maneira bastante orgânica e explica que funciona com várias frentes.

Tem a galera que é mais meio ambiente, são as “batatas jardineiras”, tem o pessoal que é mais do mobiliário urbano, que são as “batatas construtoras, tem o pessoal da música, que são as “batatas batuqueiras” e vários outro sub-coletivos. Por isso a atuação é bastante heterogênea, a questão do mobiliário urbano é mais uma ferramenta para ativação e o convite à permanência do local. Mais do que uma proposta engessada, entende? (informação verbal)¹¹

Ele também deixou muito claro que a estrutura do coletivo é bastante horizontal, não existe um líder e que, apesar do destaque de alguns integrantes, como é o caso da arquiteta Laura Sobral, não há cargos ou divisões hierárquicas, apesar de admitir que muitas pessoas se uniram a causa defendida pelo A Batata Precisa de Você pela visibilidade midiática de alguns integrantes.

Por ter se tornado um coletivo com muitas frentes, onde a prática da descentralização e a busca por organicidade são aspectos relevantes e almejados nas atividades, Raphael caracteriza o A Batata Precisa de Você como uma grande “coisa orgânica”, onde não é possível precisar ou definir o seu real tamanho e força de atuação.

Por isso é um movimento, ao invés de um coletivo sólido e estruturado em si, existem muitas pessoa que vem e vão, o próprio núcleo rígido, às vezes, tem uma pessoa que está mais atuante, outra menos (informação verbal).¹²

Raphael defende que, após mais de um ano de atuação, o Largo da Batata tinha sido reativado e, portanto, não se fazia mais necessária a presença no local em todas as sextas-feiras. Ao mesmo tempo em que a manutenção da rotina acabava por sobrecarregar os integrantes que moravam mais perto do Largo. Neste momento, o grupo está com uma atuação mais pontual.

¹⁰ Depoimento concedido por Raphael Franco, integrante do coletivo A Batata Precisa de Você, em entrevista dada ao autor no dia 22 de setembro de 2015.

¹¹ Depoimento concedido por Raphael Franco, integrante do coletivo A Batata Precisa de Você, em entrevista dada ao autor no dia 22 de setembro de 2015.

¹² Depoimento concedido por Raphael Franco, integrante do coletivo A Batata Precisa de Você, em entrevista dada ao autor no dia 22 de setembro de 2015.

Um dia a galera da jardinagem se encontra e vai fazer manutenção e plantio. Um dia a galera da construção se encontra para trabalhar nos mobiliários urbanos. Um dia a galera da música vai fazer uma apresentação. Nessa organicidade existe pelo menos uma atividade toda a semana no Largo (informação verbal).¹³

Não há dúvidas de que o trabalho dos coletivos como agentes transformadores do espaço é imprescindível. No entanto, ao mesmo tempo que se ressignifica o espaço, antes inativo, volta a despertar o interesse da especulação imobiliária.

A gente pode estar bem intencionado, mas ao mesmo tempo, nós podemos nos tornar agentes gentrificadores. Por que uma vez que você ativa e valoriza, revitaliza o espaço, você está fazendo com que ele seja mais valorizado, mercadologicamente falando. E é exatamente isso que as construtoras e os grandes gentrificadores querem. Só que, ao mesmo tempo, é paradoxal, se você não faz nada ele vai continuar sendo elitizado, gentificado, só que de uma forma privatizada. E a gente quer que ele seja público, de fato, né? (informação verbal)¹⁴

Da mesma maneira que a arquiteta Laura Sobral, Raphael não encontrou durante esse tempo grandes dificuldades no diálogo com a Prefeitura ou com possíveis represálias da Polícia Militar. Para ele, isso ocorre pelo caráter midiático que o A Batata Precisa de Você conquistou, o que tornou a proposta mais visível e, na mesma proporção, trouxe credibilidade às ações do movimento. Ele também reitera que o coletivo é formado em sua maioria por pessoas da comunidade, mas destaca que ele não é um projeto comunitário, é um projeto de ativação do espaço público que permeia a comunidade local e há uma preocupação com o envolvimento da mesma nas causas levantadas pelo grupo.

Raphael termina a entrevista ressaltando a ambição que o A Batata Precisa de Você carrega a intenção de transformar o Largo em um espaço de experimentação, de confluência de ideias, de debates políticos, sociais e culturais.

Historicamente ele sempre foi isso, ele sempre foi um lugar de grande confluência de pessoas, ele era um dos grandes portais de entrada para o centro expandido. Tudo o que vinha de comércio, de força de trabalho, que vinha ali do Extremo Oeste chegava por ali. Ele já é um grande ponto de encontro e ele tem um potencial muito grande. Por ele ser esse grande

¹³ Depoimento concedido por Raphael Franco, integrante do coletivo A Batata Precisa de Você, em entrevista dada ao autor no dia 22 de setembro de 2015.

¹⁴ Depoimento concedido por Raphael Franco, integrante do coletivo A Batata Precisa de Você, em entrevista dada ao autor no dia 22 de setembro de 2015.

espaço aberto, descampado, embora ele tenha um aspecto super árido, ele também tem um aspecto de possibilidades infindas. A ideia é que ele seja uma grande praça cívica, onde muitas coisas possa acontecer (informação verbal).¹⁵

Ainda para compor a análise do coletivo A Batata Precisa de Você, também foi entrevistada Rachel Schein, de 41 anos, publicitária e jornalista especializada em mobilidade urbana, moradora do bairro de Pinheiros e que após um convite para um happy hour no Largo conheceu a arquiteta Laura Sobral e vislumbrou possibilidades de atuação junto ao coletivo que ela considera, hoje, já ter cumprido com a sua proposta inicial.

Eu acho que a intenção até já foi cumprida que era ativar o espaço. A gente queria, na verdade, contestar, era uma ocupação política. A gente queria contestar aquele gasto todo, toda aquela reurbanização para aquele lixo que ficou aquele espaço sem nada. Tipo eu não sou arquiteta, eu não saberia o que colocar lá, mas a gente foi fazendo esses laboratórios e deu para entender o potencial do lugar. Nós passamos a construir o mobiliário urbano, construímos um monte de bancos. As pessoas também colaboravam. O movimento Boa Praça¹⁶, que é outro coletivo, eles foram lá, levaram material, fizeram mais bancos pra gente. A Tata Amaral que é cineasta foi lá e filmou. Ela estava filmando o programa Rua com treze episódios com vários lugares coletivos de São Paulo e um deles foi a Batata. Ela filmou a dança no Anhangabaú, o grafite no Grajaú e isso foi legal por que aí a gente começou a chamar atenção (informação verbal).¹⁷

3.2 BATATAMEMO

O coletivo BatataMemo surgiu após algumas pessoas que já desenvolviam atividades dentro de outros grupos, como no A Batata Precisa de Você, enxergaram a necessidade de trazer outros elementos à discussão sobre o Largo da Batata, indo além da instalação de mobiliário urbano e a reativação e apropriação do espaço público.

A atuação do coletivo tem o objetivo de manter viva a história do Largo da Batata. Mesmo com todas as dificuldades percorridas ao longo do trabalho, advindas do processo de gentrificação e também em decorrência da especulação imobiliária, o grupo se reúne na tentativa de estabelecer uma rede de pessoas que encabeçam

¹⁵ Depoimento concedido por Raphael Franco, integrante do coletivo A Batata Precisa de Você, em entrevista dada ao autor no dia 22 de setembro de 2015.

¹⁶ O movimento Boa Praça, que atua desde 2008, tem o intuito de mobilizar cidadãos, empresas, governos e instituições para ocupar e revitalizar os espaços públicos, em especial as praças da cidade, devolvendo a elas o seu propósito inicial: o de locais de convívio, lazer, debate e inclusão.

¹⁷ Depoimento concedido por Rachel Schein, integrante do coletivo do A Batata Precisa de Você, em entrevista dada ao autor no dia 22 de setembro de 2015.

a luta pela preservação da memória do Largo. Segundo Sasha Hart, de 39 anos, hidrogeólogo de formação, um dos precursores dos movimentos populares no Largo da Batata e fundador do BatataMemo, o coletivo não carrega uma perspectiva saudosista e nem tem o intuito de reestabelecer o que representou a região para São Paulo algum dia, mas sim manter aceso o diálogo com a memória do lugar.

Esses movimentos tendem a ir e vir. As mudanças elas ocorrem, ainda bem que a gente não tem uma estrutura social e espacial fixa e ao longo do tempo que vai culminar naquela nostalgia chata de que tudo tem que ser na época dos nossos avós, sejam as ideias, seja o espaço físico. Eu acho que O Largo da batata é um dos lugares que mais representa essas mudanças na cidade São Paulo, se não no Brasil todo. A história do Largo da Batata é muito rica e remete ao início da época colonial e os dados existentes mostram sequências de mudanças muito intensas. O BatataMemo não quer que a região seja como era antigamente, os processos de mudanças estão ocorrendo, vamos tentar achar um caminho de mudança, um caminho que seja mais inteligente, que seja respeitando as pessoas que usaram no passado esse espaço, que usam hoje em dia e que vão usar no futuro (informação verbal).¹⁸

Além do foco de atuação, o BatataMemo e o A Batata Precisa de Você possuem estruturas bastante diferentes.

A Batata Precisa de Você tem uma estrutura que se buscou muita gente, precisou se fazer visível e com isso projetou-se alguns nomes que acabavam por falar pelo grupo, o que acabou sendo atraente para mídia e até se for analisado sob o ponto de vista de confronto com a Prefeitura. Já o BatataMemo, por outro lado, vendo a experiência do A Batata Precisa de Você, optou por ao invés de um caminho mais midiático, um caminho típico de coletivos que se dizem horizontais, mas que, na verdade, meia dúzia de pessoas em cima e um monte de gente lá embaixo. O BatataMemo não queria isso, pois quando se pensa na história, na evolução o mais importante é discussão, é a reflexão, a troca de ideias. Não é factual, não tem uma ideia certa quando se aborda a história que, inclusive, podem ser discutidos com a Prefeitura, assim como outros agentes de mudança da região. Ao invés de montar uma estrutura de coletivo, preferimos montar uma estrutura de redes, pessoas com nomes que atuam nas suas diferentes frentes, que trazem ideias e discussões para o grupo, mas não se cria o conceito que você tem um coletivo com ideais fechados ou que alguém fale pelo grupo (informação verbal).¹⁹

Na prática, o BatataMemo se organiza por meio de um Facebook que facilita bastante a comunicação entre integrantes que tenham a prática da rede social, mas por conta até da faixa etária do coletivo – a maioria dos integrantes são mais velhos

¹⁸ Depoimento concedido por Sasha Hart, fundador do grupo BatataMemo, em entrevista dada ao autor no dia 25 de setembro de 2015.

¹⁹ Depoimento concedido por Sasha Hart, fundador do grupo BatataMemo, em entrevista dada ao autor no dia 25 de setembro de 2015.

do que os membros do A Batata Precisa de Você – há pessoas que não têm o hábito de se comunicar pela Internet ou, em alguns casos, não possuem redes sociais.

Além disso, dentro do BatataMemo também é incentivado que os participantes tenham conversas paralelas com o intuito de saber o que cada um está fazendo, sem precisar de um encontro com todos que integram no coletivo.

A gente entende que não precisa ter um logotipo do BatataMemo, é mais interessante pessoas que tenham as suas atividades, se inspirem nas discussões que a gente tem, mas na hora que estão realizando as suas propostas comentem ou não que fazem parte do BatataMemo, sem ter que ceifar que a pessoa só possa falar algo se ela usar uma camiseta ou levantar a bandeira de algum grupo(...) Você não fala no nome do BatataMemo, você fala por si só (informação verbal).²⁰

Ao ser questionado se existe a preocupação da inserção da comunidade nas reuniões e diálogos do grupo, que costumam acontecer no Sesc Pinheiros, localizado na Rua Pais Leme, Sasha Hart responde que, a partir da organização em rede, chegou-se ao entendimento de que a história, elemento que perpassa todas as atividades do grupo, não precisa ser entendida de maneira engessada, ou mesmo, saudosista. Por meio de um entendimento fluído e inconstante da mesma, o BatataMemo valoriza que relações se formem, sem que seja de extrema relevância a participação presencial nas reuniões.

Todo mundo tem uma história pra contar, todo mundo faz parte deste grupo, cada um tem a sua história, a sua visão, seja dentro ou fora do grupo. Essa reflexão é o mais importante de tudo. Se a população estivesse refletindo mais, pensando mais, opinando mais, participando mais, não precisaria ter coletivo nenhum, essa é a visão idílica de que a gente consiga valorizar a opinião das pessoas e não chegar lá e plantar uma ideia nova. A história das pessoas e o desejo delas daqui pra frente é o mais importante. Isso é justamente o que o processo de gentrificação, hierárquico, excludente consegue apagar: a história (informação verbal).²¹

No coletivo, atualmente, há várias frentes de atuação. Uma delas, que está sendo encabeçada por alguns participantes, é um trabalho de entrevistas com antigos vendedores do Mercado Municipal de Pinheiros na tentativa de recuperar

²⁰ Depoimento concedido por Sasha Hart, fundador do grupo BatataMemo, em entrevista dada ao autor no dia 25 de setembro de 2015.

²¹ Depoimento concedido por Sasha Hart, fundador do grupo BatataMemo, em entrevista dada ao autor no dia 25 de setembro de 2015.

elementos históricos daquele lugar. Vale destacar que muitos deles estão lá desde a época dos Mercados dos Caipiras e acompanharam toda a transformação do Largo da Batata. Outros integrantes conseguiram acesso ao acervo do periódico “Gazeta de Pinheiros” e estão desenvolvendo um projeto de estudo das fotos e dos jornais antigos que descreviam a região e o Largo da Batata.

O BatataMemo também acompanhou os trabalhos do grande sítio arqueológico Pinheiros II junto à construtora Cyrella e à Zanettini, equipe de arqueologia contratada pela construtora. As relíquias encontradas datam dos séculos XVII e XVIII. Segundo a Gazeta de Pinheiros, as 50.000 peças começaram a ser reunidas após a empresa financiar as pesquisas nas ruas Amaro Cavalheiro, Butantã e Paes Leme. O estudo arqueológico foi contratado antes que as obras do novo empreendimento fossem iniciadas.

Após a descoberta, foi organizada uma exposição itinerante que começou na Biblioteca Álvaro Guerra e depois seguiu para vários lugares na região, desde escolas até o próprio Largo da Batata.²²

Se achou uma antiga olaria, uma série de artefatos muito interessantes. Assim como eles produziram um relatório muito interessante contando a história da região. A gente se aproximou deles para conseguir esse relatório e entender melhor o que estava acontecendo ali. Infelizmente, os órgãos públicos que deveriam não só fiscalizar, mas também divulgar as informações, nós só encontramos portas fechadas. Até hoje tem um ofício que foi para o Iphan sobre o sítio arqueológico Pinheiros II e também o Pinheiros I, que era o do Largo da Batata, onde foram encontradas mais de duzentas mil peças. No local, as equipes de escavação encontraram palafitas. Isso quer dizer que em algum momento da história as casas eram construídas com esse material, porque provavelmente, o Largo da Batata era uma área alagável (informação verbal).²³

Em relação à escavação patrocinada pela Cyrella, se viu parte do material encontrado, um registro do que existia, e se exibiu a quem tivesse curiosidade. No caso do sítio arqueológico Pinheiros I, as 200 mil peças encontradas nunca foram apresentadas, nunca se soube o que, de fato, foi feito com este material.

²² Material fotográfico das escavações do sítio arqueológico Pinheiros II em anexo.

²³ Depoimento concedido por Sasha Hart, fundador do grupo BatataMemo, em entrevista dada ao autor no dia 25 de setembro de 2015.

No entanto, o BatataMemo levou aos órgãos públicos a discussão a respeito da criação de uma exposição permanente na área do Metrô ou no Mercado Municipal de Pinheiros, lugares que não apresentariam grandes problemas para a manutenção. Mas depois da exposição com as peças encontradas no sítio arqueológico Pinheiros II, nada mais se fez em relação às descobertas arqueológicas no Largo da Batata.

Katia Mine, que foi uma integrante do A Batata Precisa de Você e também fundou o BatataMemo, explicou que o nascimento do último se deu com uma vontade de trazer um questionamento político ao Largo da Batata.

Quando a gente começou com as ações culturais do A Batata Precisa de Você ficou muito com um caráter cultural ou arquiteto demais. Eu falei: Laura, eu quero voltar para a questão política. Passou uma semana, houve um reunião no Sesc e foi fundado o BatataMemo. Tem o A Batata Precisa de Você que acabou adotando esse *placemaking* por influência da Laura. E aí tem o BatataMemo e o Não Largue da Batata, onde todo mundo interage com todo mundo, somos todos vizinhos (informação verbal).²⁴

O BatataMemo foi fundado por alguns integrantes do A Batata Precisa de Você e do Não Largue da Batata que justamente começaram a se interrogar qual era o tipo de diálogo que as atividades promovidas pelos coletivos traziam para a comunidade e se estas estabeleciam alguma aproximação com quem estava ali muito antes de qualquer grupo aparecer.

Teve uma primeira balada aqui, que eu virei para Laura e disse: Laura, isso aqui está muito balada, eu não quero isso. São outras pessoas vivendo em bolhas. Quero despertar nessas pessoas que a vida não é balada, gente. Isso aqui é uma questão séria, é uma causa séria. Daqui a pouco quem vai estar frequentando o Largo da Batata são os filhos do Itaim, achando que isso aqui é hypster, é cool. Não é isso que eu quero. Se eu puder distribuir sopão aqui, eu vou distribuir sopão por que está cheio de moradores de rua aqui. Tem um monte de gente nordestina aqui que tem vergonha da própria cultura. E tudo isso vai se perder e ninguém está nem aí. Quando a gente fez a reunião, todo mundo disse seus objetivos com o BatataMemo. O meu foi: Gente, eu só vou ficar feliz o dia que eu conseguir um centro cultural de história e cultura do Largo da Batata (informação verbal).²⁵

²⁴ Depoimento concedido por Katia Mine, fundadora do grupo BatataMemo, em entrevista dada ao autor no dia 19 de setembro de 2015.

²⁵ Depoimento concedido por Katia Mine, fundadora do grupo BatataMemo, em entrevista dada ao autor no dia 19 de setembro de 2015.

Katia também ressalta que, com a visibilidade do A Batata Precisa de Você, a arquiteta Laura Sobral sugeriu que todos os coletivos ficassem sob o chapéu do movimento. Mas Katia foi um das que se negou a tal acordo.

A Laura queria que tudo fosse colocado sob o chapéu da A Batata Precisa de Você por uma questão até egóica. Mas eu falei: Não, Laura, as coisas não estão debaixo do seu chapéu, existem movimentos paralelos. O caráter de evento cultural do A Batata Precisa de Você foi o que fez o grupo dar certo. Por que assim no comecinho era um bando de retardado com guarda-chuvas debaixo de chuva de verão, esperando a chuva passar, por que tinha que permanecer aqui por questão de ativismo. Tinha esse caráter mesmo. Aí depois, a Laura começou a fazer os agitos culturais, então ela chamava amigos para fazer ações aqui no Largo. E eles vinham. Aí vinha o pessoal da Acupuntura Urbana²⁶ fazer o mapa afetivo, troque um sonho por um sonho; o design OK na semana do Design Weekend²⁷ o estúdio Bijari²⁸ que fez a escultura dos guarda-sóis. A Batata Precisa de Você foi a união de vários coletivos atuando, sob intermédio da Laura, ela chamava o pessoal (informação verbal).²⁹

Durante a entrevista, Katia também pontuou críticas aos coletivos e destacou que a busca por um protagonismo está longe de ser um princípio que ela considera aceitável na atuação de um coletivo. Segundo a entrevistada, no A Batata Precisa de Você, a arquiteta Laura Sobral assume um papel de liderança, o que, para ela, além de não corresponder com o significado da palavra coletivo, também não traduz a maneira como foi formado inicialmente o A Batata Precisa de Você.

O que a gente sempre chamou a atenção dela e vai continuar chamando, como amigos até. É a questão egóica. Minha questão com o Largo da Batata é outra, que é o BatataMemo que não é um braço do A Batata Precisa de Você. O BatataMemo não tem uma pessoa só. BatataMemo, eu, Sasha Hart, Fernanda Salles e Isabela. Somos os 4 mais atuantes do grupo. Mas o BatataMemo é um grupo aberto. Não existe essa coisa de meu grupo, meu mérito, minha ideia. Quando o instituto “A cidade precisa de Você” passou a existir e quem passou a assinar por ele foi a Laura, a mãe da Laura e três amigos que ela escolheu para fazer parte que mexem com marcenaria. Ela fez tudo conforme o interesse dela. O nome do instituto A cidade precisa de Você é muito parecido com a Batata Precisa de Você. E ela usa para vender o Instituto, todo mérito que o A Batata Precisa

²⁶ Fundado em 2012, o Acupuntura Urbana é um negócio social que tem como missão transformar espaços públicos de forma ativa e participativa, fortalecendo relações que estimulem o protagonismo da sociedade civil na construção de uma cidade mais humana.

²⁷ O Design Weekend é um festival urbano que tem o objetivo de promover a cultura do design e suas conexões com arquitetura, arte, decoração, urbanismo, inclusão social, negócios e inovação tecnológica.

²⁸ Um centro de criação em artes visuais e multimídia. O trabalho do grupo deriva de uma pesquisa constante situada na convergência entre arte, design e tecnologia. O grupo é multidisciplinar formado por artistas, arquitetos, cenógrafos, designers, diretores de vídeo e planejadores.

²⁹ Depoimento concedido por Katia Mine, fundadora do grupo BatataMemo, em entrevista dada ao autor no dia 19 de setembro de 2015.

de Você construiu. Ela quer vender de maneira conjunta para colher todos os frutos. Se eu for sincera com você, o A Batata Precisa de Você acabou. Na minha opinião, o A Batata Precisa de Você como agitador cultural acabou (informação verbal).³⁰

Fernanda Salles que também foi entrevistada para a construção do artigo é integrante do BatataMemo e desenvolve um trabalho junto com outros membros do grupo no Mercado Municipal de Pinheiros. A aproximação dela com o coletivo Não Largue da Batata se deu por já ter sido membro do Cades, Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, ligado à subprefeitura de Pinheiros, onde conheceu Sasha Hart. “Foi uma possibilidade de aproximação entre o poder público e o Não Largue da Batata A Prefeitura estava muito disponível para ouvir as pessoas ali.”

Em entrevista, Fernanda disse que não se entende parte de nenhum dos coletivos, ela se vê como uma pessoa que faz propostas em rede e quem se interessar se agrega a essa rede ou participa pontualmente. Tal posicionamento permitiu que ela buscasse tanto o A Batata Precisa de Você quanto o Não Largue da Batata quando, após entrevistar um garçom de um dos bares do Largo da Batata, percebeu que o nome do Metrô já traduzia um erro considerável. A estação deveria se chamar Largo da Batata e não Faria Lima.

Nós criamos um abaixo assinado para mudar o nome da estação Faria Lima. Ele fez um “auê”, a gente criou uma página no Change.org, aí veio televisão, jornal, o próprio Palácio do Governo entrou em contato. O Gustavo Freiberg, que é da Prefeitura, levou a questão para o Nabil Bonduk e ele apresentou para o deputado estadual Carlos Neder que comprou a história e fez um projeto de lei. Ele foi correto. Mas no que ele fez isso, nós recebemos uma reação bem ruim, começaram a chamar a gente de petralha na página, no Estadão, uma coisa horrível. Falavam para a gente ir fumar maconha no Vão Livre do Masp. Neste momento, o grupo balançou, alguns queriam que nós nos posicionássemos dizendo que não tínhamos relação algum com o Deputado Carlos Neder. Mas eu fui contra, achei uma grosseria. Ele não pediu nada em troca, estava fazendo seu papel de deputado sensível às causas públicas. O abaixo assinado poderia ter tido muito mais assinaturas, mas, por exemplo, a própria Laura não apoiou. Disse que não tinha tempo (informação verbal).³¹

³⁰ Depoimento concedido por Katia Mine, fundadora do grupo BatataMemo, em entrevista dada ao autor no dia 19 de setembro de 2015.

³¹ Depoimento concedido por Fernanda Salles, fundadora do grupo BatataMemo, em entrevista dada ao autor no dia 24 de setembro de 2015.

E foi através desta movimentação pela mudança do nome que Fernanda se aproximou do coletivo BatataMemo. Já dentro dele, uma das suas atividades que ela encabeçou foi escrever no *Facebook* do coletivo uma coluna chamada “Comida com História”, onde ela entrevistou os vendedores do Mercado Municipal de Pinheiros e buscou entender a relação deles com o lugar e com a comida. A maioria está no Largo da Batata há muitos anos.

Tem que gente que está lá desde a época do Mercado dos Caipiras. Eles são super preocupados com o que está acontecendo, mas ninguém vai ouvir eles. Eles super apoiaram a mudança do nome da estação, por exemplo (informação verbal).³²

A atividade dentro do Mercado Municipal de Pinheiros se mostrou de extrema relevância por possibilitar ouvir a opinião dos vendedores que também são críticos ao processo de gentrificação do Largo e os quais até então nenhum coletivo tinha se dado ao trabalho de ouvir. Ao mesmo tempo, mostrar as modificações que estão acontecendo dentro do Mercado com a inserção, por exemplo, de chefes de cozinha que estão em alta no momento, como o famoso Alex Atala. A desculpa é sempre a valorização do local, mas que valorização é esta que estamos falando? A mesma que destruiu o Largo da Batata? Que extinguiu o seu caráter popular?

--

A partir da investigação histórica, do entendimento do que foi a Operação Faria Lima e o seu real propósito, e das entrevistas com os integrantes dos coletivos que atuam no Largo da Batata, não resta dúvidas de que a comoção popular foi responsável por uma importante modificação nas ações impostas pela especulação imobiliária ao longo da Operação Urbana Faria Lima e após a entrega da obra, com a atuação dos coletivos no local.

Hoje, o Largo da Batata pode ser entendido como um espaço de experimentação, ativismo político, e catalisador de atividades culturais. No entanto, apesar dos evidentes aspectos positivos da atuação dos coletivos, nota-se que eles

³² Depoimento concedido por Fernanda Salles, fundadora do grupo BatataMemo, em entrevista dada ao autor no dia 24 de setembro de 2015.

são obrigados a enfrentar uma difícil contrapartida. As atividades organizadas por eles acabam por valorizar um determinado espaço, e logo, este acaba, mais uma vez, inserido na lógica perversa da especulação imobiliária. No caso do Largo, ele deixou de ser um local desertificado, inutilizado, onde as pessoas apenas passavam com pressa, para se tornar um ambiente de encontros e experimentação com um rico leque de atividades culturais promovidas tanto por parte dos coletivos quanto das instituições culturais do entorno, ou até mesmo pela própria Prefeitura. No entanto, a valorização do espaço é também um prato cheio para os agentes imobiliários, responsáveis pelo processo de gentrificação e verticalização do bairro de Pinheiros. Os integrantes dos coletivos estão atentos a tal fato, como evidenciado anteriormente, e percebem que, apesar de não ser possível se livrar da lógica imposta pelo capital, as atividades de valorização e reativação de um espaço público promovem ao menos a criação de um lugar mais democrático.

Outro ponto importante avaliado no trabalho foi estabelecer de que forma os dois coletivos pesquisados tentam se organizar e formular as atividades por meio de processos emergentes (não hierárquicos), entendidos como elementos de grande importância para os próprios grupos estudados. No caso do A Batata Precisa de Você, as entrevistas e análises feitas evidenciam que, apesar de ter nascido com uma atuação horizontalizada e buscando, a partir da união de pessoas, a formação de um corpo bem mais atuante, organizado e propositivo, a busca por uma visibilidade, até mesmo midiática, que desse conforto e respaldo às atuações do coletivo associada ao aumento exponencial de seus integrantes, acabou por formar lideranças durante o processo.

Por outro lado, a arquiteta Laura Sobral, durante uma palestra intitulada Inquietudes Urbanas, no Centro Universitário Maria Antônia, no centro de São Paulo, afirmou não existir protagonismo entre os elementos do coletivo e comentou a busca por uma atuação sazonal do coletivo, onde as primeiras modificações com o intuito de reativar o espaço partiriam do “A Batata Precisa de Você”, mas que a intenção era que, com o tempo, eles não precisassem mais estar lá todas as sextas-feiras e que o espaço seria reativado pela própria lógica da cidade e dos habitantes do entorno.

Eu não quero que o Largo da Batata seja o que eu quero que ele seja. Eu quero que o Largo da Batata seja aberto e um terreno de testes para a sociedade civil se sinta um pouco mais livre dessas amarras, de regulamentação da cidade. Isso se eu me institucionalizar, eu vou me colocar como representante e porta voz disso e a gente não quer. É até uma discussão com a subprefeitura. A gente acha que chegou num ponto que a gente pode se retirar um pouco do físico, de estar lá toda a semana e começar a ir para outros âmbitos que, talvez não desse para fazer tudo ao mesmo tempo. Exige muito, disponibilidade mesmo. E eles falam: Agora que você ativaram isso, vocês vão sair. O que a gente quer, na verdade, ser essa fagulha para passar o bastão. A gente não quer fincar uma bandeirinha. Se a gente quer trabalhar com outro sistema, o nosso sistema está longe de ser a institucionalização (informação verbal).³³

A não liderança e a organicidade também são elementos de relevância para o BatataMemo, justamente por grande parte dos integrantes já terem feito parte do A Batata Precisa de Você e criticarem a aparente hierarquia encontrada no coletivo. Como relatado acima, a organização em rede, descrita por Sasha Hart, possibilita que os membros fiquem mais livres para agir da maneira que eles consideram correta e possível. Ao mesmo tempo, 4 ou 5 estão a frente de todos os debates, mas o posicionamento é dado pelo interesse e não com o intuito de angariar mais pessoas ao coletivo ou torná-lo mais visível.

Ao mesmo tempo, por mais que os próprios integrantes do coletivo sejam moradores da região de Pinheiros, notou-se que não existe uma preocupação evidente da inserção da comunidade nos diálogos do grupo. O BatataMemo explica que a organização em rede valoriza a construção das relações sociais e, que por meio da história e das necessidades futuras das pessoas, o grupo se faz muito maior do que a presença em reuniões no Sesc Pinheiros.

No entanto, será que não se faz válido o desenvolvimento de atividades que busquem um diálogo mais intenso com a comunidade? Será que é profícuo tal caráter emergente e sazonal?

Além disso, agora que o Largo foi reativado, segundo ambos os coletivos, outro questionamento surge: que valorização é esta que foi implementada? O Largo da Batata deve ser um palco para baladas *hypsters*, um lugar *cool* com eventos

³³ Depoimento concedido por Laura Sobral, fundadora do grupo A Batata Precisa de Você, no seminário Inquietudes Urbanas, no Centro Universitário Maria Antônia, no centro de São Paulo.

culturais patrocinados pelas grandes marcas de cerveja e energéticos, que tenha shows das maiores bandas do momento e só? É este o processo idealizado para o Largo da Batata? Ainda bastante excludente, que mantém nordestinos escondidos em bares na esquina com a Rua Fernão Dias? Ou o Largo da Batata deve ser inclusivo, trazer discussões, possibilitar o diálogo de diferentes núcleos que se apropriam daquele espaço?

Além da análise dos processos emergentes, o presente trabalho também se ateve a territorialidade. Os dois coletivos, ao desenvolver atividades de reativação no Largo da Batata, um espaço público destruído pela especulação imobiliária, também reivindicam o território, o que para a socióloga argentina Maristella Svampa é uma das características que compõem as principais dimensões dos movimentos sociais na América Latina.

Na análise feita no artigo “*Movimientos Sociales y nuevo escenario regional: Las inflexiones del paradigma neoliberal en América Latina*”, a socióloga entende a ocupação urbana e rural voltada para a questão da moradia. No entanto, evidencia que o território é também um elemento a ser apropriado pela lógica do capital e por tal motivo permanece no cerne das reivindicações dos movimentos sociais, aspecto que justifica a atuação dos coletivos no Largo da Batata e em tantos outros espaços públicos de São Paulo.

La territorialidade: en un sentido amplio, tanto en los movimientos urbanos como rurales, el territorio aparece como un espacio de resistencia y también, progressivamente, como un lugar de resignificación y creación de nuevas relaciones sociales. Esta dimensión “material”, muchas veces comprendida como auto-organización comunitaria, aparece como uno de los rasgos constitutivos de los movimientos sociales en América Latina, tanto de los movimientos campesinos, muchos de ellos de corte étnico, como de los movimientos urbanos, que asocian su lucha a la defensa de la tierra y/o a la satisfacción de las necesidades básicas. Sin embargo, desde fines de los 80, el territorio se ha venido erigiendo en el lugar privilegiado de disputa, primero, a partir de la implementación de las nuevas políticas sociales, de carácter focalizado, diseñadas desde el poder con vistas al control y la contención de la pobreza; em segundo lugar, y más recientemente, a partir de las nuevas modalidades que adopta la lógica del capital en los espacios considerados estratégicos en término de recursos naturales (SVAMPA,2006:143).

Svampa pontua a demanda por autonomia como uma das dimensões dos movimentos sociais tendo em vista a busca por mais liberdade de atuação, distante das institucionalizações na tentativa de criação de outras perspectivas.

La cuarta dimensión de los movimientos sociales es la demanda de autonomía, la cual atraviesa desde los pequeños colectivos culturales hasta las grandes estructuras territoriales y organizaciones de masas. La autonomía, em términos generales, aparece no sólo como un eje organizativo, sino también como un planteo estratégico, que remite tanto a la “autodeterminación” (dotarse de su propia ley) como a un horizonte más utópico, a saber, la creación de “mundos alternativos”. En sus versiones extremas, este planteo desafía el pensamiento de izquierda más anclado en las visiones clásicas acerca del poder y de los modos de construcción contrahegemónica (SVAMPA,2006:144).

A autonomia pontuada por Svampa compreende o movimento que ocorreu no Largo da Batata. Sem ela, a primeira comunidade ainda virtual não teria sido feita, as primeiras cadeiras de praia, com as primeiras sete pessoas não teriam sido colocadas. Nenhum mobiliário construído. O A Batata Precisa de Você e também o BatataMemo podem dialogar com o setores públicos, mas estão longe de se tornar uma unidade, de institucionalizarem-se.

Todos os elementos destacados no trabalho, seja a atuação emergente, a apropriação e reativação de espaços públicos ou a autonomia, perpassam um conceito mais amplo e que vem vagarosamente sendo aplicado às políticas públicas: o direito à cidade. O geógrafo britânico David Harvey no artigo “A liberdade da cidade” traduz de maneira clara o valor desta conquista. Para ele, a cidade é composta por pessoas e por tal motivo deve ser julgada e entendida em relação aquilo que eu, você, nós e eles desejamos. Coletiva, pública e suscetível às mudanças. Afinal se a cidade nos reflete, ela não nasceu pronta e carrega consigo, apesar das forças que proclamam a sua posse, a anarquia e a intermitência.

Se a cidade não se encontra alinhada a esses direitos, então ela precisa ser mudada. O direito à cidade “não pode ser concebido como um simples direito de visita a ou um retorno às cidades tradicionais”. Ao contrário, “ele pode apenas ser formulado como um renovado e transformado direito à vida urbana”. A liberdade da cidade é, portanto, muito mais que um direito de acesso àquilo que já existe: é o direito de mudar a cidade mais de acordo com o desejo de nossos corações. (...)Se descobrirmos nossas vidas se tornaram muito estressantes, alienantes, simplesmente desconfortáveis ou desmotivantes, então temos o direito de mudar de rumo e de buscar refazer nossas vidas segundo uma outra imagem e através da construção de um tipo de cidade qualitativamente diferente. A questão do tipo de cidade que

desejamos é inseparável da questão do tipo de pessoas que desejamos nos tornar. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades dessa maneira é, sustento, um dos mais preciosos de todos os direitos humanos (HARVEY, 2009: 9).

Harvey ainda destaca que as cidades sempre foram lugares de conflitos e, talvez, devam ser mesmo. No entanto, no mundo contemporâneo, elas ficaram ainda mais divididas, fragmentadas e geradoras de reais batalhas que estão longe de caminhar para um entendimento maior, pela busca por harmonia. As regras que comandam as cidades incentivam a desigualdade, privatizam a vida humana que define em busca da sobrevivência.

A maneira pela qual vemos nosso mundo e a maneira pela qual definimos suas possibilidades quase sempre estão associadas ao lado da cerca onde nos encontramos. A globalização e guinada em direção ao neoliberalismo enfatizaram, ao invés de diminuir, as desigualdades sociais. O poder de classe foi restaurado às elites ricas³. Os resultados foram indelevelmente gravados nas formas espaciais de nossas cidades, que mais e mais tornam-se cidades “de fragmentos fortificados”. A maioria dos relatos agora aponta para um desenvolvimento geológico desigual ao longo dos últimos trinta anos de reestruturação neoliberal, tanto dentro quanto entre as cidades (HARVEY, 2009:9).

O presente trabalho foi uma experiência, uma descoberta, um entendimento necessário ao morador de uma metrópole há tantos anos. O Largo da Batata relevou dúvidas, trouxe revoltas, introjetou um direito desconhecido. O direito à cidade. Seja dentro de um coletivo, de uma instituição, ou como mais um cidadão, a metrópole nos chama. Ela pede transformação, alguns não de proclamar a sua posse, mas sua anarquia impossibilita verdadeiros donos. Ela é de todos. Se faz pelo atravessar de uma rua, por uma manifestação numa importante avenida, pela dança dos semáforos. A cidade é uma obra humana em constante construção. Algo que o poeta curitibano Paulo Leminski já dizia:

Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade
(LEMINSKI, 2013:24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo o trabalho, buscou-se responder alguns questionamentos sobre as hipóteses elencadas em relação ao processo de urbanização do bairro de Pinheiros, mais especificamente no Largo da Batata. As principais indagações que regeram todas as outras respondidas no presente artigo foram: Como se deu e por que ocorreu o processo de “revitalização” do Largo da Batata? E também se a atuação dos coletivos após a entrega das obras da Operação Faria Lima em 2013, que causou revolta dos moradores do bairro de Pinheiros, possibilitou uma modificação no espaço e qual foi ela.

Após a pesquisa desenvolvida como finalização do curso de pós-graduação do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Comunicação e Cultura, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, ficou claro que o projeto desenvolvido pela Prefeitura de São Paulo, na gestão de Paulo Maluf, em 1995, denominando Operação Urbana Faria Lima, serviu para criar uma nova centralidade em São Paulo e, com isso, alterar o caráter popular do Largo, uma vez que a região passou a ser financeiramente interessante ao mercado imobiliário. Em pouco tempo, o bairro de Pinheiros foi verticalizado, o perfil residencial deu lugar aos arranha-céus de grandes empresas e multinacionais.

Para entender os reais propósitos da Operação foi preciso lembrar como era o Largo da Batata antes do início das obras, o que acontecia na região, de que forma o comércio formado, principalmente, por nordestinos dialogava com o entorno. Após esta delimitação, se fez necessário adentrar a história e conhecer melhor a década de 20, momento em que São Paulo passa por um rápido e intenso processo de desenvolvimento e, conseqüentemente, como ele refletiu na região de Pinheiros.

Notou-se que no começo do século XX o Largo da Batata era um entreposto comercial, formado principalmente por imigrantes que vendiam produtos agrícolas. Investigando ainda mais, descobriu-se que, na formação da cidade, a região já havia sido caminho de bandeirantes e tropeiros em direção ao interior do país. O Largo foi sempre um ponto estratégico em São Paulo, o que pôde ser visto nas manifestações

contra o aumento das tarifas de ônibus e metrô em 2013, onde milhares de pessoas se reuniram para dar início a marcha.

Concluiu-se que a Operação Urbana Faria Lima por mais que, para a Prefeitura de São Paulo, após quase dez anos, ainda seja considerada uma obra em andamento, foi desenhada para exterminar o caráter popular do Largo da Batata e apagar a história existente em um dos primeiros bairros de São Paulo. Hoje o deserto de concreto que habita o Largo não teria função outra, se não a de passar. Associado a tamanha crueldade, a verticalização que tomou conta de todo o entorno e extinguiu o caráter residencial da região. Como se não bastasse, a especulação imobiliária transformou a região em uma boutique com seus prédios de última geração, restaurantes e lojas caríssimos.

No entanto, a descoberta da atuação dos coletivos na região foi um respiro a carga que paulatinamente era adquirida com a bibliografia definida junto a professora Fabiana Felix Amaral. A escolha de dois coletivos se deu em detrimento do curto espaço de tempo para a conclusão do trabalho. Por outro lado, as entrevistas com alguns integrantes do A Batata Precisa de Você e do BatataMemo foi de extrema relevância para trazer um elemento atual e ainda pouco dissecado pela academia.

Para a análise foram usadas algumas diretrizes, parte delas especificadas pelos próprios coletivos durante as entrevistas. Como por exemplo, o caráter emergente e não hierárquico, preceito de extrema relevância aos membros, mas que foram passíveis de questionamento durante o processo de pesquisa. Ao mesmo tempo, a territorialidade como pano de fundo das reivindicações de ambos os grupos permitiu uma associação direta com o valor da terra em uma sociedade capitalista. O espaço criado pelas relações sociais, ganha no mundo contemporâneo, uma apropriação privada, monetarizada, que divide classes, constrói muros e proíbe entradas.

A conclusão ao fim da análise de ambos os coletivos é que eles carregam uma dura missão. Por meio das atividades com o intuito de manter a história do

Largo da Batata viva ou de torná-lo um local de encontros, centralizador de atividades culturais, um espaço de experimentação, cria-se, ao mesmo tempo, um território, mais uma vez, de grande valia ao mercado financeiro. A lógica é perversa, o mesmo capitalismo que destruiu é aquele que se apropria no intuito de conquistar novos lucros.

Por outro lado, é inquestionável a importância da atuação do A Batata Precisa de Você e do BatataMemo como agentes de promoção de um espaço mais democrático. As atividades propostas pelos dois grupos trouxeram um questionamento muito além de sítios arqueológicos ou a construção de mobiliário urbano, eles lembraram de um direito esquecido. O direito à cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Glória da Anunciação. A mobilidade/imobilidade na produção do espaço metropolitano. In: Carlos, A.F.; Souza, M.L. e Sposito, M.E.. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Contexto, 2001.

BRASIL. **Estatuto da Cidade**: Lei 10.257/2001 que estabelece diretrizes gerais da política urbana. Brasília, Câmara dos Deputados, 2001, 1ª Edição.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo. Studio Nobel, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. “ Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: Carlos, A.F.; Souza, M.L. e Sposito, M.E.. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo. Contexto, 2001.

COSTA, Marcos O. **O custo das cidades rodoviaristas nos EUA: U\$ 1 trilhão**. Disponível em: <https://marcosocosta.wordpress.com/2015/04/26/o-custo-das-cidades-para-os-carros-nos-eua-u-1-trilhao/>

COSTA, Marcos. **Uma breve história do carro em São Paulo**. Disponível em: <https://marcosocosta.wordpress.com/2013/10/22/uma-cidade-milhoes-de-carros-a-influencia-do-carro-na-evolucao-urbana-de-sao-paulo/>

CRESTANA, João. O que é outorga onerosa. Disponível em: <http://www.secovi.com.br/noticias/o-que-e-outorga-onerosa/3730/>

FIX, Mariana. **A “fórmula mágica” da parceria público-privada.** Cadernos de Urbanismo, nº 3. Rio de Janeiro. Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2000.

FIX, Mariana; WHITAKER, João Sette. **A urbanização e o falso milagre do CEPAC.** 2001.

FIX, Mariana. **Parceiros da Exclusão. Duas histórias da construção de uma “nova cidade” em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada.** São Paulo: Boitempo, 2001.

GOUVÊA, Diego. **Exposição revela história de Pinheiros.** Jornal Gazeta de Pinheiros, publicado no dia 19/09/2014. Disponível em : <http://gazetadepinheiros.com.br/cidades/exposicao-revela-historia-de-pinheiros-19-09-2014-htm>

GOUVÊA, Diego. **Novo Largo da Batata frustra autor de projeto urbanístico.** Jornal Gazeta de Pinheiros, publicado no dia 11/10/2013. Disponível em: <http://gazetadepinheiros.com.br/cidades/novo-largo-da-batata-frustra-autor-de-projeto-urbanistico-11-10-2013-htm>

HARVEY, David. **A liberdade da cidade.** GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 26, pp. 09 - 17, 2009.

JOHNSON, Steven. **Emergência: a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares.** Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 2003.

LEMINSKI, Paulo. **Toda a poesia / Paulo Leminski.** São Paulo. Companhia das Letras, 2013.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo. Barcarolla, 2004.

MARQUES, Eduardo (Org.). **A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades.** São Paulo. Editora Unesp, 2015.

MASCARENHAS, Luisa Prado. **Reconversão Urbana do Largo da Batata: Revalorização e novos conteúdos da Centralidade de Pinheiros.** 2014. 159 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre na área da Geografia Humana.

PESSOA, Laura Cristina Ribeiro; BÓGUS, Lucia Maria Machado. **Operações Urbanas – nova forma de incorporação imobiliária: o caso das Operações Urbanas Consorciadas Faria Lima e Água Espraiada.** Pesquisa de pós-doutorado intitulada “Reestruturação Urbana e Desigualdades Socioespaciais: município de São Paulo, desenvolvida junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Urbanas/Observatório das Metrôpoles São Paulo do Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais e do Departamento de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a coordenação da Profa. Dra. Lucia Bógus.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SERPA, Angelo. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. In: Carlos, A.F.; Souza, M.L. e Sposito, M.E.. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios.** São Paulo: Contexto, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. **O Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

SVAMPA, Maristella. **Movimientos sociales y nuevo escenario regional: Las inflexiones del paradigma neoliberal em América Latina.** Facultad Humanidades y Ciencias de la Educación, 2006.

RIETH, Flávia. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 270-

271, jul/set. 1995. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a26.pdf>